

Nuances



de um Silêncio a Dois

Ana Coelho
José Antunes

edita.me



EM BUSCA DE MIM

*Procurei a vida
nas vielas de um tempo manso
e sem sucesso urdi os dias
até ver o céu cair-me aos pés,
nas matizes viúvas da alma
entre vendavais da carne óssea,
no peito do chão.*

*Fatigado do marasmo
sentei os olhos à soalheira
e resgatei o sonho mais doce
que a lembrança volvia
enquanto o coração ardia gemidos
em romarias de dor oculta
que só gente assim sofre!*



INQUIETAÇÕES

*Assim perto do abismo
tudo se confunde,
nada faz sentido
a alma contorce-se
em inquietações
na busca da luz...*

*Descalça
esvazio a mala
despojo os andrajos velhos...*

*Respiro e inspiro
todos os sentidos encobertos...
choro na voz que grita
dentro de mim
nuvens de esperança
envolvem os meus olhos...*

*Tenho o teu rosto nas mãos
os traços na ponta dos dedos
entre o nevoeiro escuto um sopro
...espírito que vive
guia os passos nestas inquietações...*

*Novos firmamentos irão abrir-se
no brilho de mais uma estrela
que eu queria aqui...*



NÃO ME ERGO, LEVANTO-ME

*Eu não me ergo, levanto-me
quem se ergue sempre caiu
e eu puxo por mim,
agarrado ao desejo férreo
de me ver elevado
por cima das vicissitudes
e à margem da agonia,
caçando alívios e suspiros
de uma estirpe sem raça.*

*Eu não me ergo, renasço
resgatado de um passado verve
não me estranho, nem entranho
bebo a sede de viver, indígena
não quero desperdício nem fúteis cores,
amorfas audácia, mordaças
quando me despertar para o amanhã
que me adorna o olhar...
...no capim do dia seguinte.*

*Eu não me ergo, levanto-me
quem se ergue não caiu, ruiu
e eu levanto-me, persigo-me e expio-me
até encontrar o sossego que me adensa e foge...*



A RAZÃO DANÇA E CHORA

*Gotas de orvalho
amadurecidas na tez da vida
lavradas em verdes pastos...*

*Reluzentes sentidos serpenteiam num véu
na cor cinza em reflexos de branco e negro...*

*O destino é um improviso
chega tantas vezes sem aviso
deitado em encruzilhadas
dos becos pouco iluminados...*

*Rumos em frisado
na penumbra acolhida,
onde a razão dança e chora
na voz que proclama
a chama da glória...*

*A alma nua
surda da inquieta mente
anuncia palavras ao corpo trémulo
do velho livro empoeirado*

*Lentamente acolhe a luz na clara sombra
iluminada pelo som do antigo hino
vestido de memória...*



SOLIDÕES DE VIDRO

*Anavalhada
febril e só
a penumbra pousou
nos domínios da noite,
e espalha no íntimo cru
o sabor dos amantes,
desenfreadas
ressoam sombras na luz
que o luar bebe
pelas fragas dos destinos,
desaguados escolhos
no nacer das manhãs.*

*Animais por entre o breu,
escurecidos a escapulirem-se
nas solidões perdidas
que regressam aos corpos
pela voragem do silêncio
que sangram dentro dos rostos
- crepitam gritos sufocados
de um sol adormecido
num quebranto de vidro.*



CINZAS DO DESTINO

*Assim de repente
Termina esta viagem
Num vento que consome o ânimo
...Devora sem mácula.*

*Tudo decai
Em porções que não se embebem
A utopia é mera filosofia
No regaço do cansaço,
Todas as palavras são meros acasos.*

*No cume da chaga
Tudo se encobre
Na força que nos move...
Um sopro de ópio
Em ziguezagues
Nestas veredas certas
Mas nunca esperadas
Muito menos preparadas...
Constrange todas as artérias
Em velocidade fugaz
Relâmpagos envergados de escuridão
Nas cinzas deste destino...*



PRÉLIO DO HAVER

*Há que ter coragem
para morrer de pé,
- diz a fogueira mãe
às labaredas guerreiras.*

*Há que saber amar o tempo
na idade do viver,
para nascer e morrer
no mesmo dó,
e depois anoitecer,
- diz a lua à manhã
no bocejar da aurora.*

*Há que ter fé,
acreditar no reacender das cinzas,
há que espicaçar a vida
para que o lume dos sonhos
não se coalhe e apague,
- dizem os olhos com raias
ao dia seguinte...*



SILENCIOSO PENSAMENTO

*Numa corrente de água
saída das rochas duras
lavei as emoções
ao som da nascente
sentei o pensamento
furtivas noites fundas.*

*No peito galopar de cavalo
varando espaços sem fim.*

*Rosas abrem em versos
danças em desfiladeiros
rostos purificados nas lágrimas
ao encontro do oceano
no puro imenso azul
trespassa o olhar num relâmpago.*

*Nas veias arde o lume
na cor do sol que escorre do céu
num mundo colorido
pintado de branco.*

*Sem rosa-dos-ventos
nem norte, nem sul
profunda veemência quieta.*



A LÁGRIMA MORREU

*Num caixão sem soalho,
a lágrima ia nua e singela
ia só nos despojos da vida,
ia sem voz nem beleza,
talvez morta pela míngua
talvez farta pela destreza,
mas no fim, a lágrima morreu...
foi uma septicemia fatal
uma dor ansiando ser tristeza,
ou uma tristeza ansiando esquecer,
mas a lágrima morreu,
morreu boçal e livre
num incesto de emoções,
morreu breve e solteira
como deve uma boa lágrima,
morreu apenas
sem sequelas para o coração,
morreu só, morreu chorando
a vida recauchutada
que lhe deu uma peritonite amiga!
A lágrima morreu,
Ficou o sal...*



SOLITÁRIA LÁGRIMA

*Dança na branca íris
Cristais soltos do olhar
Escorre nas faces frias
Pelo canto vertida
Envergonhado o sorriso,
Liberta a mão
Húmido murmurúrio.*

*Rio selvagem
Desagua no mar norte
Encobre o rosto
No mudo grito
Trancado no fundo do bosque...*

*Desliza assim
Pela lua nova
No vértice do desejo
Que cala os gestos...
Solitária lágrima
Rasgada nos ombros
De um sonho cinzelado...*

Revivem diamantes no fundo da alma.

*“Num acto de docura
pouso sobre as tuas
as minhas mãos.
Entrelaçam-se os dedos
no dedilhar do amor.”*

*“No avesso de mim derrotei o medo
No inverso sentido aflorei as emoções
Pulsar constante da vida... o destino
Um jogo perfeito nos laços passados
No horizonte aberto do abrigo futuro”*

